

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT12.012](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT12.012)

EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS E A PRESENÇA DAS MULHERES: O CASO DO CEJA PROFESSORA ALMIRA AMORIM E SILVA (CUIABÁ – MT)¹

Meire Rose dos Anjos Oliveira

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, meirerosegeo@yahoo.com.br.

Edson Luis Ismael do Carmo

Professor da Educação Básica Estadual de Mato Grosso, edsomael@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho traz para a discussão a presença das mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma modalidade em que os alunos e alunas são pessoas que retornam à escola após algum tempo, pois, pelas circunstâncias da vida, tiveram que abandonar a escolarização. O objetivo é apresentar na perspectiva de duas mulheres, uma gestora e uma aluna egressa, a importância da educação e de uma unidade escolar voltada para o público específico da EJA, além disso verificar se há relação com a vivência dos alunos da modalidade, em grande parte, trabalhadores, e se aponta limites e possibilidades da relação entre a educação e o mundo na atualidade. Foram entrevistadas duas mulheres do Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA Professora Almira Amorim e Silva no município de Cuiabá – MT, sendo uma ex-diretora e uma aluna egressa. As entrevistas abarcaram informações sobre as dificuldades no estudo, a evasão escolar, o retorno aos estudos e a gestão de uma unidade escolar voltada para a EJA

1 O artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa “Educação de Jovens e Adultos e Ensino de Geografia”, desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso.

na perspectiva de uma mulher. A pesquisa foi desenvolvida por dois professores de Geografia, desta maneira, no levantamento de dados e nas análises também aparecem a busca de elementos que possam associar as questões levantadas com o ensino do componente curricular Geografia. Para amparar a análise recorreu-se a autores como Arroyo, Freire, Louro, Saffioti e Santos, entre outros. Após a análise das entrevistas e à luz do referencial bibliográfico pode-se concluir que a questão de gênero impera na continuidade dos estudos pelas mulheres, grande parte das condições de suas vidas influenciam na evasão escolar. Por outro lado, ficou nítido como é importante uma instituição voltada para a educação específica aos trabalhadores e trabalhadoras e que a EJA se caracteriza como um elemento do empoderamento feminino para as que conseguem retornar ao ambiente escolar.

Palavras-chave: Mulheres, CEJA, Educação.

INTRODUÇÃO

A escola é considerada uma das principais instituições responsáveis pela produção e reprodução dos valores sociais, abrange os processos formativos desenvolvidos em todos os âmbitos de vivência, e está previsto, que, também por meio dela, se democratizam os conhecimentos científicos para formar a capacidade de pensar criticamente os problemas da realidade. É preciso realizar um esforço por parte de todos os sujeitos de uma comunidade escolar para que o que se desenvolve nela esteja relacionado entre si, com a vida dos sujeitos presentes naquele espaço e com o cotidiano da vida social, o que se aprende nela deve estar contextualizado com todas as interfaces sociais, caso contrário prejudicará o desenvolvimento da aprendizagem e diminuirá o interesse do aluno em continuar os estudos, além de influenciar em outras questões estruturantes da sociedade.

Uma das finalidades da escola é contribuir no desenvolvimento do ser humano, inserindo-o de forma crítica e participativa na dinâmica da sociedade da qual faz parte, o que se aprende na escola deve ser consoante à vida cotidiana, ao mundo do trabalho e aos saberes da experiência dos alunos fora do espaço escolar, uma conexão com o vivido no mundo.

Relacionando a escola com a educação institucionalizada deve-se pensar sobre o papel delas: se apenas reproduz a sociedade em que está inserida ou se pode ser revolucionária para transformar toda a sociedade.

Fugindo da armadilha positivista de idealizar a educação e apresentá-la como principal promotora de desenvolvimento social e econômico, pergunta-se: Em que consiste a educação e a educação escolar? Poder-se-ia dizer que a educação é a forma como a própria sociedade prepara seus membros para nela viverem? Então, para compreender a educação é preciso compreender a sociedade, na medida em que compreende uma entenderá a outra.

É preciso considerar o modo como a sociedade está organizada para garantir a sobrevivência. A sociedade estabelece os limites e as possibilidades da educação escolar, sua qualidade e sua quantidade, sua forma e seu conteúdo. Não basta lutar somente pela educação, mas, também pela transformação da sociedade.

O Brasil, a partir das últimas décadas do século XX, apresentou mudanças importantes, porém, as desigualdades sociais persistem. Pochmann e Amorim (2004) demonstraram isso no “Atlas da Exclusão Social”, eles afirmam que as características de exclusão social e padrão de vida inadequado ainda rondam a vida dos brasileiros. Um fato importante demonstrado pelos pesquisadores é que no início dos anos 2000, 56% dos chefes de famílias possuíam baixo grau de escolaridade.

Por outro lado, no Censo Demográfico de 2010, de acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2014), 37,3% das famílias brasileiras eram chefiadas por mulheres, o que acarreta maior inserção ou presença das mesmas no mercado de trabalho, em consequência, buscam melhorar a sua escolarização para aumentar os rendimentos de suas famílias. Aliás, Abramo (2007) menciona que a entrada de mais mulheres no mercado de trabalho, maior escolarização e diminuição da taxa de fecundidade são resultados das mudanças dos padrões da sociedade brasileira. O IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2017) revela que em 2015, a partir dos dados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 42% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. O IPEA ainda destaca que, em 2015 a taxa de analfabetismo caiu entre as mulheres, sobretudo para as brancas de 15 ou mais anos de idade, no caso das mulheres negras a taxa diminuiu, porém, mais lentamente.

O Instituto afirma que a respeito da escolaridade brasileira “entre 1995 e 2015, duplica-se a população adulta branca com 12 anos ou mais de estudo, de 12,5% para 25,9%. No mesmo período, a população negra com 12 anos ou mais de estudo passa de inacreditáveis 3,3% para 12%, um aumento de quase 4 vezes” (IPEA, 2017, p. 2). Assim, percebemos a importância da educação de jovens e adultos para aquelas mulheres que desenvolvem jornadas extensas de trabalho dentro e fora do lar.

A EJA é uma possibilidade de elevação dos estudos e das oportunidades para aqueles que não conseguiram frequentar a escola quando eram crianças e/ou adolescentes, portanto, na idade escolar prevista. É uma modalidade da educação básica importante, além de ser uma conquista histórica que dá acesso à educação de qualidade para os jovens, adultos, idosos e trabalhadores. Além de

ser uma temática de estudos e pesquisas recorrentes, sendo objeto de discussão de importantes pesquisadores como Arroyo (2006) e Frigotto (2005) dentre outros. E entre esses há um consenso, a necessidade de trabalhadores qualificados ao longo da história brasileira e a busca por “obedecer” a imposições externas, obrigaram o Estado a formalizar cursos na modalidade de jovens e adultos, o que para muitos é uma discussão não menos importante, porém, apontam que outrora a EJA não estava prevista como uma modalidade da educação básica, mas sim, um preparo de mão de obra para sanar as demandas de cada época. Somente em 1996 é que a EJA teve o reconhecimento como modalidade da educação básica, portanto, foi reconhecido o direito das pessoas que estiveram fora da educação institucionalizada. E, isto está relacionado com a organização da sociedade e suas diferenças que são transformadas em desigualdades, na maioria das vezes.

Sobre as relações entre educação, sociedade, diferenças entre classes, diferenças entre homens e mulheres, enfim, sobre as características da sociedade brasileira o currículo da EJA torna-se uma ferramenta imprescindível para a compreensão pelos alunos e docentes que estão nesta modalidade. Assim, pensamos, também, em como o componente curricular Geografia poderia se tornar uma lente de percepção do mundo e de fortalecimento do estar e se sentir um ser constituinte da sociedade.

Neste sentido, objetivamos analisar a EJA na perspectiva de duas mulheres, uma gestora e uma aluna, considerando que as mulheres, geralmente, dedicam mais tempo aos cuidados com os entes e ao mesmo tempo desenvolvem atividades relacionadas à sobrevivência material e financeira, o que as impele a deixar a educação em outro patamar. Ao mesmo tempo pretendemos abordar informações sobre uma experiência desenvolvida em Mato Grosso, os Centros de Educação de Jovens e Adultos, componente de uma política voltada para a EJA, especificamente.

METODOLOGIA

A pesquisa que originou este trabalho se desenvolveu na perspectiva da abordagem qualitativa considerando que aspectos subjetivos em conjunto com levantamento bibliográfico e

documental são instrumentos importantes para esta perspectiva. As autoras Lüdke e André (1986) afirmam que em se tratando de pesquisas relacionadas à educação, a abordagem qualitativa é um dos melhores caminhos a serem tomados. Pois, é preciso considerar que nessas pesquisas estão envolvidos descrição de fatos e elementos e, constituição de significados emitidos pelos sujeitos.

Este trabalho tem como base de análise uma pesquisa empírica com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com duas mulheres no âmbito da EJA, especificamente, no Centro de Educação de Jovens e Adultos – Professora Almira Amorim e Silva no município de Cuiabá, Mato Grosso. Foram entrevistadas uma professora que ocupou a gestão – direção escolar da unidade enquanto CEJA e uma aluna egressa da modalidade EJA. As entrevistas foram realizadas no ano de 2021.

A professora entrevistada é pedagoga e especialista em EJA, possuía à época, 42 anos de docência sendo 37 anos na EJA, já estava aposentada. A aluna egressa, finalizou o ensino médio na modalidade EJA em 2014 e logo depois se formou em Pedagogia em uma universidade pública em Cuiabá, no momento da entrevista estava com 45 anos e chefiava a família imediata composta por ela e por dois filhos.

O objeto das entrevistas abarcou informações sobre as dificuldades no estudo, a evasão escolar, o retorno aos estudos, a importância da educação para a vida, a contribuição do componente curricular Geografia e a gestão de uma unidade escolar voltada para a EJA na perspectiva das mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação deve ser pensada a partir do cotidiano dos alunos, o que é corroborado por Kaercher (1998) quando menciona que o aluno deve aprender o mundo pelas lentes da Geografia.

Já Oliveira (2010) no seu livro “Sentidos da Geografia escolar” levanta dois aspectos importantes, um deles remete ao fato de que ensinar Geografia seria necessariamente reproduzi-la como ciência em larga escala, e o outro é que ensiná-la seria como expor a ciência geográfica, como um pacote de informações que ignora seu processo. Nesse mesmo livro o autor cita Pierre Monbeig em um

de seus célebres textos, “Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa”, o geógrafo francês sintetiza a atribuição do ensino da Geografia apontando para um melhor desempenho para que responda às exigências de um ensino “formador de mentes” e não “entulhar cérebros” (MONBEIG apud OLIVEIRA, 2010, p. 25).

Vesentini (1999) no seu texto “Educação e ensino de Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação” faz uma abordagem do que seria o ensino de Geografia neste século XXI. O autor fala sobre a composição da sociedade, relações de trabalho e outras formas de manifestações sociais como frentes de ampliação da democracia e da justiça social. E diante do quadro formulado, Vesentini afirma a posição importante e central da ação do educador, “um verdadeiro educador, preocupado com a conquista da cidadania, é contribuir para o crescimento (...) do educando, para a sua autonomia, criatividade e senso crítico” (idem, p. 24).

Há de se pensar a relação entre a Geografia e a educação de maneira reflexiva e, ao mesmo tempo, encontrar, no movimento da prática, articulação entre o ensino e a aprendizagem de forma significativa.

Pois bem, o trabalho dá ênfase a uma especificidade de organização escolar voltada para a EJA, onde componentes curriculares como a Geografia devem ser disponibilizados para auxiliar os alunos à compreensão acerca da vida em sociedade e como constituir possibilidades de sua inclusão.

No Mato Grosso, a partir de 2008, houve a implantação dos Centros de Educação de Jovens e Adultos. Mello (2018) menciona que a implantação dos CEJAs se deve a ideia de que era necessário um espaço próprio para a EJA e para seus alunos adultos e idosos, uma escola com uma identidade.

Arroyo (2006, p. 30) menciona que a EJA, para seus alunos, “é um entrelaçado entre os direitos à educação e os direitos humanos básicos. Diria ainda que desses jovens e adultos vêm, nesse entrelaçado, as interrogações mais instigantes para a recolocação da educação no campo dos direitos”. Ou seja, pensar em unidades com características específicas seria salutar para esses alunos em especial.

Sobre a experiência do CEJA em Mato Grosso a professora entrevistada afirma que

(...) vou ser sincera, em 2008 quando passou para os CEJAs foi uma coisa de outro mundo, de todo o tempo que fui gestora de EJA, foi a melhor oferta que veio, os alunos eram incentivados, nos primeiros anos a participação de quase 100%, era bem atrativa, eram desenvolvidas várias atividades como oficinas.

Além de todos os incentivos pedagógicos, as unidades de CEJA ofertavam a EJA nos três períodos do dia, contribuindo para a inserção de mais alunos. A aluna egressa também mencionou o incentivo dado pelos professores do CEJA Professora Almira Amorim e Silva, pois a unidade escolar prezava em manter atividades relacionadas ao público e, este respondia a preocupação do corpo pedagógico como é possível perceber nas imagens a seguir.

Figura 1 – Alunos participando de atividades curriculares no CEJA Professora Almira Amorim e Silva



Fonte: Facebook – CEJA Almira Amorim Silva, 2022.

Figura 2 – Sala de aula do CEJA Professora Almira Amorim e Silva (lotada)



Fonte: Facebook – CEJA Almira Amorim Silva, 2022.

As imagens vão ao encontro do mencionado pela professora entrevistada, gestora da instituição no período das imagens, os alunos gostavam e participavam das atividades pedagógicas. A gestão escolar prezava por um currículo recheado de práticas educativas que envolviam arte, questões sociais e ambientais.

Porém, em 2020, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso decidiu pelo fechamento das 19 unidades de CEJA, isto para o início de 2021. A professora Bognar fez uma breve análise sobre os fechamentos dessas unidades e menciona

(...) os educandos foram distribuídos e atendidos por outras escolas da rede pública regular, priorizando-se a oferta no período noturno; em alguns casos, as unidades foram transformadas em Escolas de Desenvolvimento Integral da Educação Básica (EDIEB), um lócus de atendimento de diversos níveis e modalidades em que seria incluído o atendimento da modalidade regular. Alguns CEJAs que se transformaram em EDIEB, definidos pela Seduc por critérios subjetivos e nada transparentes, mantiveram sua sede original; outros foram alocados para novas situações e projetos de atendimento. Portanto, essa

mudança radical implementada e verticalizada pela gestão da Seduc-MT traz, em seu contexto, a dispersão da oferta de EJA, e não mais a concentração em um espaço qualificado, construído ao longo de anos dedicados à educação popular, como fora a rica experiência e trajetória dos Centros de EJA em Mato Grosso (2021, p. 175).

Se antes havia uma possibilidade de um trabalho pedagógico específico para a modalidade, inclusive com espaços próprios e apropriados, agora os alunos de EJA voltam, novamente, a disputar espaços com alunos na idade correta de aprendizagem, o que pode, inclusive, lhes causar constrangimentos e possíveis desistências.

Para educadores e pesquisadores de EJA o fechamento ou a transformação dos CEJAs em unidades de utilização de múltiplas modalidades vai de encontro ao que preconiza o Parecer CEB/CNE n. 11/2000 de onde originou o documento “Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos” (BRASIL, 2000). O documento é afirmativo quanto à especificidade da EJA, não apenas para compensar os sujeitos que nela frequentam, mas para reparar, equalizar e qualificar a educação ao longo da vida prezando pela formação dos trabalhadores e considerando suas potencialidades cognitivas.

A professora entrevistada mencionou que

Foi um choque. Tinha aquele atendimento diferenciado, porque o público é muito diversificado. Havia benefícios com o CEJA, porque vai tratar os alunos de maneira adequada, cada um tem a sua especificidade. Os professores já sabem lidar com isso há mais tempo, possuíam formação. A clientela do CEJA eram pessoas de 15, 30, 40, 80 anos. Gente que nunca foi à escola, que queria estudar. Pessoas como dona de casa, que estavam no comércio, entre outras. Os benefícios eram grandes. E agora mudou bastante, tanto o quadro de professor, quanto da utilização do espaço físico.

O que se vê é que com essa nova realidade no estado é preciso pensar sobre a importância da EJA enquanto modalidade específica, ela é necessária para um grupo de pessoas.

Para tanto, pensaremos sobre as dificuldades no estudo, a evasão escolar e o retorno aos estudos, sobretudo das mulheres. Este pensar se dará por meio de excertos das entrevistas da professora – gestora e da aluna de EJA egressa.

A aluna egressa entrevistada é uma mulher de mais de 40 anos, divorciada e com dois filhos, oriunda de uma família em que os componentes não avançaram nos estudos, conforme apresenta:

Venho de uma família numerosa (doze irmãos), onde a tradição é o maior cuidar do menor, isso estamos falando de oito, nove anos ou menos, nenhum dos meus irmãos foram à escola na idade certa, (aliás nenhum deles foram à escola enquanto eram crianças) dessa forma não completaram o ensino fundamental anos iniciais e finais (nem mesmo iniciaram). Comigo, claro, não seria diferente então, cheguei em Mato Grosso com treze anos, trabalhei em casa de família apenas por alimento, moradia e vestimentas até meus dezessete anos, nunca tinha ido à escola, no ano de 1994 aos dezessete anos, me matriculei em uma escola para fazer os anos iniciais como supletivo, nesse intermeio, tive um bebê e apenas conclui esse ciclo pois agora eu tinha um filho e um marido para cuidar. Passaram-se alguns anos e tive vários e curtos retornos, idas e vindas que só me deixavam frustrada, eu tinha que levar agora, meus dois filhos comigo para sala de aula a noite, pois não tinha apoio do meu cônjuge para que eu pudesse concluir meus estudos. Mesmo com toda essa dificuldade, essas idas e vindas conseguir concluir o ensino fundamental anos finais também na EJA, nesse intermeio, eu tinha que trabalhar, cuidar dos filhos e, se quisesse estudar, teria que os levar comigo, fiquei mais um tempo fora da sala de aula e retornei anos depois conseguindo ir à escola e concluir o ensino médio no CEJA Almira Amorim no ano de 2014. Para mim foi muito especial, ser a primeira filha, daquela família a romper uma barreira que já perpetuava a tanto tempo, antes de mim, apenas uma sobrinha minha havia alcançado esse êxito. Sou a filha mais nova de minha mãe e hoje tenho 45 anos e por meio das pessoas (professores) que passaram em minha vida, me motivando a ser uma pessoa melhor como alguns professores do

CEJA Almira Amorim e, minha primeira professora, quem me alfabetizou quase aos dezoito anos.

Como percebido no relato, a educação escolar em famílias da classe popular é dificultada por conta das necessidades objetivas de sobrevivência, é preciso alimentar a prole. Daí as incumbências passam entre os filhos, dos mais velhos aos mais novos, os impedindo de seguir uma vida normal de criança, inclusive da vida escolar. É possível perceber a continuidade das interrupções ao longo do tempo na família, como se configurasse em uma marca de destino. Não obstante, a vida das mulheres é marcada por interrupções, pela evasão escolar, pelos retornos, geralmente o casamento se transforma em delimitação do que será a identidade de uma mulher e, em um empecilho na continuidade dos estudos. Como bem já mencionava Saffioti

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem (SAFFIOTI, 1987, p. 8).

O que percebemos é que mesmo no século XXI, época em que a tecnologia e a ciência dão passos gigantescos, a relação entre homens e mulheres ainda são desiguais, as características femininas estabelecidas pelo patriarcado ainda imperam. As práticas sociais, ainda, passam por aquelas funções idealizadas para as mulheres, a exclusividade do lar, dos cuidados da casa e dos seus familiares.

Guaira Lopes Louro (1995) já mencionava que os marcadores de gênero, ou seja, a produção de diferenças e desigualdades de gênero, contribuem para o afastamento das mulheres da vida em sociedade e reafirma a masculinidade como o discurso imperante.

A aluna egressa aborda as dificuldades que surgiram no retorno à vida escolar:

O cansaço do dia a dia, conciliar o tempo entre a rotina de trabalho, o tempo que se gasta no transporte coletivo, cuidar dos filhos (levá-los juntos para a escola e

trazê-los dormindo no final da noite), suportar a intolerância do marido, as dificuldades no aprendizado, dificuldade em me expressar, me enturmar, fazer os trabalhos propostos entre outros.

Mesmo diante dos percalços, das imposições e das jornadas excessivas, ao longo do tempo percebemos que as mulheres têm “furado o cerco” da não realização de sua escolarização, a aluna egressa mencionou no relato sobre seu desejo em continuar os estudos e cursar o nível superior. Uma busca à formação perdida. Parte de uma de suas frases, “me motivando a ser uma pessoa melhor”, indica a necessidade da escolarização para ela tornar-se uma cidadã, para conviver melhor em sociedade uma vez que tenha alcançado um direito de qualquer brasileira ou brasileiro.

E, isto afeta pontualmente a vida das pessoas, a aluna egressa menciona que

(...) o estudo contribuiu e contribui no meu dia a dia, na minha locomoção, em meus momentos que estou a me informar das notícias regionais, do meu país e pelo mundo, sei discernir basicamente, quase tudo que diz respeito a essas questões de Geografia como: tempo, clima, horário, Terra, mar, lagos, rios, montanhas, sol, chuvas, cidades, bairros, ruas dentre outros.

Por meio de exemplos mais simples e corriqueiros a entrevistada nos demonstra que mais do que educadas, as mulheres precisam ser instruídas para compreender o mundo. Louro (1995) já demonstrava isso ao mencionar que na história as mulheres, estas tiveram que romper barreiras para serem instruídas em escolas, que precisavam dos conhecimentos escolares para a vida em sociedade. O seu papel não seria somente o de ser educada para as boas maneiras, mas para exercer profissões para além do espaço doméstico.

A professora entrevistada corrobora com a afirmativa de que “a maioria (dos alunos) foi de mulheres e sempre as mais interessadas, principalmente as mais velhas, que não tiveram a mesma oportunidade de estudar na adolescência quando os jovens. Era uma participação muito grande, interesse muito grande, muito dedicadas”. As imagens a seguir demonstram a participação das alunas nas atividades do CEJA Professora Almira Amorim e Silva.

Figura 3 – Alunas em atividades no CEJA Professora Almira Amorim e Silva



Fonte: Facebook CEJA Almira Amorim Silva, 2022

Figura 4 – Participação de alunas em atividade lúdica no CEJA Professora Almira Amorim e Silva



Fonte: lorivalmatematica.blogspot.com, 2022.

Figura 5 – Alunas participando de atividade artístico-cultural no CEJA Professora Almira Amorim e Silva



Fonte: Facebook Edson Carmo, 2022.

Essa dedicação tem motivação, segundo Santos (2014)

A Educação de Jovens e Adultos vem com o propósito, para essas mulheres excluídas do acesso à educação, de consolidar a democracia na promoção do direito à educação básica a todos os cidadãos e cidadãs. Uma política que as habilite a exercer minimamente seu direito de participar mais efetivamente na sociedade (p. 16).

A educação por si não seria responsável por extinguir todas as mazelas da sociedade, mas influencia no processo emancipatório das mulheres, no desejo (mencionado pela aluna egressa) de alçar outras condições de vida no seio da sociedade, para além daquelas que lhe delinearão.

Sobre a profissionalização, a aluna egressa aborda que sempre almejou “ter uma profissão que eu me orgulhasse assim como aquele seletor número de professores que me encheram de orgulho, esperança e confiança durante nossa caminhada juntos”. O que vai

ao encontro do que menciona a professora entrevistada “o professor deve ser motivação para o aluno. Ele é parte fundamental”.

Ainda sobre as atividades estarem direcionadas a esse público em especial, a professora afirmou que uma unidade escolar específica oferta melhores condições para a aprendizagem das mulheres, sejam elas adolescentes, adultas ou idosas. “Elas se sentiam mais à vontade no CEJA”, menciona a professora, inclusive no momento das refeições. O que é possível perceber na imagem a seguir, estão alegres pela finalização de uma etapa de sua escolarização:

Figura 6 – Alunas de idades variadas na formatura do CEJA Professora Almira Amorim e Silva



Fonte: Facebook CEJA Almira Amorim Silva, 2022.

Quanto a ser um espaço atrativo, a aluna egressa nos diz que “acredito que a escola tinha/tem, um conjunto como um todo, o acolhimento, o espaço, os projetos que nos envolviam até as refeições que tínhamos, pois, a maioria ia para a escola direto do trabalho, porém, no meu caso, os meus professores foram as peças mais

importantes”. A figura a seguir ilustra o acolhimento às mulheres de diferentes gerações.

Figura 7 – Participação das alunas em atividade alusiva à inclusão de pessoas com deficiência no CEJA Almira Amorim e Silva



Fonte: Facebook CEJA Almira Amorim Silva, 2022.

Frigotto (2010) relata sobre a importância dos trabalhadores e dos alunos da EJA em elaborar e explicitar seus saberes e sua capacidade de organização, assim, a forma em que os CEJAs eram organizados permitiam essa apropriação. No mesmo texto o teórico mencionado diz que, para que haja sucesso educacional, todos os sujeitos envolvidos devem realizar ações que vão ao encontro dos interesses dos excluídos. A aluna ao mencionar o acolhimento e o envolvimento dos alunos no CEJA Professora Almira Amorim e Silva demonstra que suas características eram, de fato, específicas para aquele grupo de pessoas.

Ainda, conforme Freire em “Pedagogia do Oprimido” (2018) quando menciona que não há saber mais ou menos e que há saberes diferentes, percebemos a necessidade de uma educação para a liberdade, para a emancipação por meio de práticas que levem à problematização do cotidiano dos alunos a partir de uma outra leitura de mundo e de sua inserção no mesmo. Ou conforme diz (op.

cit. p.41) “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente, através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”.

E aqui retornamos à Geografia como lente para olhar e examinar o mundo. Perguntamos à aluna egressa sobre a contribuição da Geografia no seu processo educativo e na vida, ela disse:

Foi tranquilo e muito proveitoso, os professores do Ceja Almira sempre foram muito atentos com os alunos e sempre preocupados com o aprendizado deles, éramos envolvidos em uma aula interativa e, o uso do livro não engessava a aula, ela era atrativa e nos permitia uma interação como com as demais disciplinas.

A figura do professor engajado em práticas educativas significativas e desenvolvidas para os alunos é marcante em todo o diálogo com a aluna entrevistada. O papel da Geografia escolar é, deveras, imprescindível para a ressignificação dos saberes dos alunos da EJA, tanto para problematizar as questões do mundo do trabalho, quanto para a descoberta destes alunos enquanto cidadãos do mundo.

Lima (2016) ao finalizar sua monografia de conclusão de curso intitulada “Imagem cinematográfica e ensino de Geografia para alunos do CEJA Almira de Amorim Silva (Cuiabá-MT)” menciona

Os alunos da EJA estão envolvidos com uma realidade pelos debates em torno de questões socioeconômicas, políticas, culturais e ambientais. Trata-se de um universo bastante rico de informação e de possibilidades de reflexão, de apreensão de novas competências e, com isso, de construção de novos conhecimentos (p. 44).

A Geografia enquanto componente curricular na modalidade EJA deve estar relacionada ao saber da experiência articulado ao espaço do cotidiano, do espaço vivido pelos alunos. Considerando que as alunas e os alunos da EJA possuem uma experiência de vida amadurecida e, que deve ser levada em conta na ação didático-pedagógica, Lima ainda continua afirmando que a “experiência pode ser considerada central, porque permite uma ligação concreta entre os conteúdos de diferentes disciplinas e a realidade vivida

pelos alunos” (2014, p. 44). O que vai ao encontro do que mencionou Resende no belíssimo livro “A Geografia do aluno trabalhador” (1989, p. 156), “o espaço vivido é sempre descrito e/ou julgado à luz da experiência concreta de trabalho e sobrevivência”.

Os saberes adquiridos a partir das experiências do espaço vivido das mulheres, alunas da EJA, devem ser considerados para que estas possam empoderar-se. No século XXI, após um processo histórico internacional de lutas das mulheres, a emancipação das mulheres e o anseio pela igualdade é mais presente no discurso da sociedade e no espaço escolar, porém, ainda permeados por dor, sofrimento e discriminação, sobretudo quando acompanha a condição de classe, raça ou alguma diferença que seja impedimento na inclusão social.

No entanto, nos pareceu, a partir da vivência em espaços da EJA e nas falas das entrevistadas, que as alunas enquanto mulheres (e de todas as idades) buscam se fortalecer neste espaço vivido e cotidiano. A EJA se transformou em lócus de troca de experiências e socialização de sentimentos, o que faz com que as alunas se sintam revigoradas, reconhecidas e empoderadas, como analisamos nas palavras da aluna egressa “hoje sou pedagoga formada recentemente, ainda não estou no mercado de trabalho como pedagoga, mas, participo de um grupo de estudo onde atuo em escolas como voluntária e tem me trazido muitos aprendizados”. A professora entrevistada demonstrou a satisfação de ter trabalhado em um CEJA e ter contribuído para a formação das mulheres que por ali passaram alguns anos, além de potencializar a aprendizagem dos alunos a partir do que trazem de vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir pelos depoimentos das duas mulheres entrevistadas que uma unidade escolar com currículo e espaço pensado e organizado para a modalidade de educação de jovens e adultos contribui substancialmente para o retorno das alunas ao convívio educacional. Há necessidade de uma gestão preocupada com as diferenças de idades, de gênero e das deficiências apresentadas pelos seus alunos. As especificidades estão postas.

Quanto à questão da mulher, se percebe uma relação entre a escolaridade e sua construção enquanto sujeito de sua própria vivência. Porém, ainda há percalços que impedem as mulheres de chegar ao que consideram ser melhor para seus entes, porém, sem abundar suas necessidades pessoais e coletivas. Embora exista um avanço nas discussões e em legislação no que diz respeito às mulheres e sua vida em sociedade, a luta ainda é árdua, as raízes de uma sociedade machista e patriarcal são presentes. Mas, a educação tem importante papel na dissolução desses pensamentos e ações arcaicos.

E, por fim, mencionar que a Geografia tem lugar nesta discussão. Enquanto componente curricular ela deve contribuir para que seja construída uma postura crítica do mundo e que os jovens, adultos e idosos a partir de suas experiências aliadas aos conhecimentos geográficos possam olhar o mundo e se perceber no mundo pelas lentes da Geografia.

Os autores deste trabalho são professores e reconhecem a extensa jornada dos trabalhadores da educação, mas acreditam que pensar a educação geográfica para além de um conjunto de conteúdos possa ser, inclusive, estímulo para outras experiências educativas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, L. W. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**: uma força de trabalho secundária? 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2007.

ARROYO, M. G. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD - MEC/ UNESCO, 2006.

BOGNAR, I. Educação e política de fechamento de centros de EJA: uma realidade em Mato Grosso. In: DA SILVA, A. (organizadora). **EJA em países lusófonos**: Diversidades, Desigualdades e Justiça Social. Rio de Janeiro: Curatoria Editora, 2022

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n. 11/2000**, aprovado em 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PCB11_00.pdf?query=diretriz+es%20curriculares%20nacionais Acesso em 20 jul. 2022.

IBGE. **Estatísticas de gênero**. Uma análise dos resultados do Censo Demográfico de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf> Acesso em 20 jul. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FRIGOTTO, G. Escola pública brasileira na atualidade: lições da história. In: LOMBARDI, et al (orgs). **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. São Paulo: Cortez, 2010

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995-2015**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/7v3spxmtb7qfxfk6hntsm/> Acesso em 20 jul. 2022.

KAERCHER, N. A. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: SCHÄFFER, N. O. et al. **Ensinar e Aprender Geografia**. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 1998.

LIMA, I. L. M. **Imagem cinematográfica e ensino de Geografia para alunos do CEJA Almira de Amorim Silva (Cuiabá-MT)**. Monografia de conclusão de curso. Departamento de Geografia. Cuiabá: UFMT, 2016.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, jul. /dez.1995.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, A. R. C. de. **Uma política educacional para jovens e adultos em Mato Grosso**: adaptabilidade e conformação social. Cuiabá: EdUFMT, 2018.

OLIVEIRA, C. D. M. **Sentidos da geografia escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

POCHMANN, M.; AMORIM, R. (orgs). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004.

RESENDE, M. S. A. **Geografia do aluno trabalhador**: caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1989.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).

SANTOS, A. A. D. A. dos. **Mulheres na educação de jovens e adultos**: relatos de um retorno. Monografia de Especialização em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça. Faculdade de Educação. Brasília: UnB, 2014.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.